

# ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL II

## Dimensão Espiritual nos Seminários

– Caderno de Estudos<sup>1</sup> –

### *Os Sacramentos da Eucaristia e da Penitência*

✠ **Jorge Carlos Patrón Wong**

Arcebispo-bispo Emérito de Papantla

Secretário para os Seminários

**Temas:** As bases da espiritualidade sacerdotal: a devoção mariana, os sacramentos, a Palavra de Deus e a comunhão eclesial sacerdotal.

#### **Introdução:**

Esses quatro cadernos estão relacionadas entre si na composição de um importante tema que deve nortear a vida de um padre: sua espiritualidade sacerdotal.

Falaremos um pouco daqueles quatro grandes pilares que sustentam a vida espiritual de um ministro ordenado. Mas por que falar disso justo agora quando estamos tratando da dimensão espiritual na formação dos seminaristas? Não seria mais importante trabalhar sobre um elenco de temas pedagógicos e didáticos, ou sobre estratégias formativas, etc?

Bom, posso indicar pelo menos duas razões para falar destes temas com vocês: primeiro, porque não se colocam os pilares de uma ponte depois de construída; e segundo, porque aqueles que trabalham com a formação, trazem sobre si a força do testemunho, ou seja, o selo do “martírio/testemunho”, e do total sacrifício de entrega a Cristo Jesus enquanto fim da configuração total a Ele sigilada pelo caráter sacramental.

Quando falta este selo, corre-se o risco de reduzir-se a formação em certos âmbitos espirituais a alguns discursos teóricos que muito provavelmente não serão assiduamente praticados no futuro.

Por exemplo, falar no Seminário da importância da oração comunitária e da adoração ao Santíssimo Sacramento na vida de um sacerdote quando, concretamente,

---

<sup>1</sup> Por ocasião da “SEMANA NACIONAL DE ATUALIZAÇÃO PARA FORMADORES”, Aparecida do Norte/Brasil, de 10 a 14 de julho 2017.

na condição de formador, o padre se ausenta com frequência desses momentos em nome de compromissos e imprevistos constantes dos mais diversos tipos ... Onde está aquele sinal do martírio? Ou seja, daquela coragem quase insana, mas também mostra de justiça, prudência e caridade, de parar o fluxo de uma agenda repleta de importantes trabalhos, por alguns minutos de oração silenciosa?

Se não cuidamos de nós mesmos, em pouco tempo, começamos de maneira bem elaborada a teorizar sobre o que se entende por oração, o quanto se reza quando se trabalha, sobre o trabalho como prece a Deus, etc. Não tenho dúvidas de que tais instruções sejam válidas e formativas para os rapazes, mas, e a opção prática de amor e testemunho pela prioridade da oração, pela renúncia de si mesmo para bem ordenar os afazeres eclesiais sem esquecer de que as prioridades do agir e do querer devem vir da intimidade com Deus? Quando os seminaristas vão aprender esta lição olhando para nós, para o nosso sacrifício, nosso martírio, como formadores?

## **1. A Santa Missa e a adoração eucarística**

O primeiro pilar, nós já tratamos na conferência anterior: a devoção a Virgem Santíssima. Para alguns, isto poderá soar com certa estranheza, por acreditarem que esse deveria ser o último pilar, aquele que conclui a base da construção.

Por que ter como primeiro pilar a devoção a Maria Santíssima? Porque, com certa frequência, esse acaba sendo um dos pilares mais danificados ao longo da formação sacerdotal, quando, sistematicamente, se criam pseudo ou extremadas racionalizações sobre a experiência de fé, podendo-se chegar inclusive ao abandono da piedade religiosa e em especial aquela mariana. Além disso, a devoção a Santíssima Virgem Maria nos ajuda a viver com maior profundidade e riqueza tudo aquilo que compõe os demais pilares da espiritualidade sacerdotal.

A Santa Missa é o cume de toda a vida litúrgica da Igreja e tem um papel central na vida do sacerdote porque nela se renova o sacrifício e Morte de Nosso Senhor na Cruz, o ato máximo do martírio Redentor do Filho de Deus. É neste “martírio/testemunho” que somos chamados a somar nossas vidas, unidos à oferta de Cristo Sacerdote, ou seja, na condição de sacrificados com Ele e por Ele, quiçá até ao próprio martírio, até mesmo pela efusão de sangue, se a tal formos chamados.

Recebemos uma identidade ontológica que nos leva, sim, a sermos ministros do culto e administradores do sagrado. Contudo, trazemos sobre nós o sinal de uma eleição que é de tal forma séria e exigente que a nossa salvação pessoal se associa à configuração a este Senhor martirizado na cruz.

Ele mesmo nos chamou, por meio da Igreja, a sermos seus amigos mais íntimos, seus confidentes e mensageiros, e para tão exigente compromisso nós respondemos “sim”; respondemos que realmente queremos ser seus amigos mais íntimos e, por meio da Igreja, a nossa resposta foi acolhida e confirmada como dom para a salvação dos homens por meio do nosso ministério.

A celebração do sacrifício eucarístico deve ocupar o centro da vida de um padre, porque nela se realiza em plenitude aquilo para o qual estamos chamados por meio das Ordens Sacras. Na Santa Missa se realiza o memorial perfeito, a própria renovação incruenta do mesmo sacrifício que Jesus sofreu cruentamente na cruz. O sacrifício eucarístico é o ponto de contato entre céu e terra, e por ele se opera a máxima comunhão de toda a Igreja, no céu, na terra e no purgatório.

Pelo sacrifício eucarístico, o Cristo Sacerdote e Senhor, Aquele mesmo que foi crucificado, que reina glorioso nos Céus, agora está ali substancial e realmente presente com toda a sua glória, se bem que escondido nas espécies eucarísticas, mas sempre como vítima real que se oferece e é imolada para reparação dos nossos pecados.

Maria Santíssima, que acompanhou seu Filho aos pés da cruz durante seu sacrifício cruento, sabe melhor do que ninguém que o sacrifício incruento sobre o altar na santa missa é o perfeito sacrifício da cruz do Senhor. Naquele momento, mais do que em qualquer outro desde o Calvário, seu Amado Filho se entrega inteiramente nas mãos e pelas mãos do sacerdote, e sua Amada Mãe, que outrora recebeu de seu Filho aquele sacerdote como filho, clama agora a esse mesmo Filho e Senhor que derrame as graças necessárias para que o coração daquele sacerdote seja todo Seu e jamais se separe d'Ele, como rezamos em silêncio no altar na hora do Cordeiro de Deus: “... *pelo Vosso Corpo e pelo Vosso Sangue, dai-me cumprir sempre a Vossa vontade e jamais separar-me de Vós*”.

Ela soube unir a sua oferta pessoal, seu sofrimento de Mãe, suas dores e o seu amor ao sacrifício de seu Filho na Cruz. Que oração mais elevada, que súplica mais profunda, que gesto de maior reparação pelos pecados daqueles que não O amam, ou que ato de maior comunhão ao Cristo Senhor pela salvação das almas, de inigualável nobreza como este foi vivido sobre a face da terra por uma mera criatura? Somente aquele de sua Mãe Santíssima, Virgem das Dores, carne como a sua carne! Não é sem razão que a proclamamos Rainha e Mãe dos Apóstolos, dos Mártires e dos sacerdotes.

Ela sabe muito bem, e melhor do que todos nós, o que significa a total consagração ao seu filho pelo sacerdócio, o acontecimento divino que existe na presença real de Jesus que se faz inteiramente presente nas espécies eucarísticas e os efeitos da santa eucaristia na vida daqueles que a recebem.

Como aprendemos durante a nossa formação ao sacerdócio, a comunhão eucarística se torna sempre mais frutuosa quanto maior é a fé, a esperança e a caridade no coração do fiel que se aproxima da mesa eucarística. Todas as três virtudes que tanto perseguimos se encontravam em modo elevadíssimo no coração de Maria concebida sem pecado, coração imaculado ao qual podemos sempre recorrer em auxílio para bem vivê-las em cada comunhão – *Auxilium christianorum, ora pro nobis*.

Por meio do sacramento da penitência e reconciliação estas virtudes, outrora diminuídas em nós, são restauradas em nossa vida, de modo que a cada eucaristia, se renova a chance de fazer crescer outra vez a força destas virtudes em nós. Por isso,

participar da santa missa nos Seminários é uma necessidade vital e não mera recomendação.

O aumento da graça santificante que adquirimos ao recebermos a santa eucaristia espera por ser defendido e vivido minuto a minuto dentro do Seminário por cada um daqueles que comungam. Como desejar a santidade sem comprometer-se em primeira pessoa e sem ter horror de perder o estado de graça e aumentar às dores de Cristo crucificado e de sua doce Mãe? Como ter tudo isso e acreditar que a santificação do Seminário é um empenho a ser realizado por outros sem passar primeiro por mim? A santificação do Seminário se dará tanto mais, quanto mais a minha vida for penetrada pelo dom recebido aos pés do altar, e quanto mais sobre ele eu a recolocar em seguida como oferta e sacrifício de amor.

É daqui que se desenha o itinerário espiritual em um Seminário. O sacerdote deve ser um homem com um coração muito especial, capaz de acolher as aflições do Coração de Jesus, capaz de cuidar de suas dores, capaz de confortar o Senhor Crucificado pelos nossos pecados e do mundo inteiro, capaz de sentir horror da idéia de sequer desejar ofendê-Lo uma outra vez, mas sendo conhecedor de sua própria vulnerabilidade clamar a Boa Mãe pelo socorro e auxílio necessários.

Se um sacerdote não sabe cuidar do dom que recebeu, se trata o sagrado com impiedade, se não reconhece a sua dignidade ou não zela por ela em suas escolhas de vida, se se arrepende de seus erros mas levemente não luta para consolidar mudanças interiores, se não consegue fazer nada que não seja por amor próprio ou vaidade, e não nutre uma gratidão profunda pela misericórdia de Deus, como ele saberá cuidar de seus irmãos com reta intenção e verdadeira caridade, ou como será possível viver o amor ao próximo como ensina Jesus?

Tudo não passará de um altruísmo positivista barato e falso, um mundano sentir-se bem. Deus não é padrao para confiar a vida de seus filhos que sofrem, nas mãos de alguém que não trate o próprio Jesus com respeito e amor sinceros!

Por amor àqueles que sofrem ou que querem levar à reta via, e para cuidar de seus filhos que n'Ele confiam, o Senhor Deus pode imperiosamente valer-se de um sacerdote ímpio que não tema mais a Deus (cf. Eli e Samuel), pois Ele é Senhor sobre tudo e todos, seja nos céus como nos abismos, e por aquele que sofre e clama por Seu nome Ele moverá céus e terra.

Porém, que pena, e realmente, que pena que um sacerdote tendo tantos dons em suas mãos viva assim seu ministério. Será dura a ira de Deus contra aqueles que desprezaram a sua face e rejeitaram a sua bênção, como nos escreve Lucas na parábola dos talentos, e como provou Esaú, no livro da Gênesis, ao desprezar a bênção de sua primogenitura. Imaginemos quão mais dura não será a sua ira sobre nós sacerdotes que nos dispusemos a amar seu Filho, a tê-lo entre as mãos em cada missa e a cuidar daqueles que Ele ama, mas no fim só soubemos amar a nós mesmos e a cuidar bem de seu povo até que este não nos fosse fastidioso e inconveniente.

Jesus procura por amigos, por sacerdotes que tenham um coração capaz de acolher a Sua intimidade, por isso, a missa diária, a adoração eucarística comunitária ao menos semanalmente e a confissão regular, são necessidades urgentes na vida de um

Seminário, porque nestes momentos, amparados pela Virgem Santíssima, formam-se os verdadeiros amigos de Deus.

Aquele que não consegue reconhecer seus pecados para ter uma confiança profunda com Jesus, que não consegue declarar seu amor a Jesus, que não fala para Ele sobre as suas batalhas para vencer as inclinações de sua humanidade ainda imperfeita e resistente a ação do Espírito Santo, que não confia nas mãos de Jesus as imperfeições de seus irmãos e não pede para Ele a coragem e a força necessárias para testemunhar um amor capaz de corrigir o imperfeito, de superar a dor e de vencer o ódio e a vingança, como poderá levar adiante por toda a vida o ministério presbiteral? De que modo será vivido esse ministério? Como conseguirá se lançar inteiramente nas mãos do Senhor sem bloquear-se, ou desertar quando provar a solidão e outras agruras; sem rebelar-se ou desesperar-se quando provar a frustração; sem tornar-se arrogante quando estiver a frente do seu rebanho, pensando-se o senhor da vinha e dono da verdade?

Se uma pessoa não nutre reverência nem piedade a Jesus presente na Eucaristia, seja na hora da adoração eucarística, seja durante a Santa Missa, o que nos levará a crer que ela terá respeito, piedade e reverência pela comunhão que recebeu, ou pelos irmãos que irá encontrar ao longo da vida, ou que, futuramente, dará o amor devido e a prioridade de um verdadeiro amigo, seja a Jesus ou ao próximo?

Não é demais recordar que a primeira e a segunda finalidades do sacrifício eucarístico são a adoração e a ação de graças, dadas também por toda a obra redentora realizada pelo Pai, por Cristo, no Espírito Santo.

O ato de adoração eucarística, que na vida de um sacerdote não pode jamais ficar restrito a uma prática para satisfazer a um “formalismo da tradição popular”, mas deve ser a expressão da escolha de um coração sacerdotal que se reorienta, livremente, saindo de si para adorar a Deus Criador e infinitamente transcendente, cujo temor o inspirará a emendar-se, a corrigir seus vícios pessoais e combater as tendências de nosso tempo para idolatrias e a “adoração” a si mesmo, centrada em totems como o conforto/sossego de uma vida sem *stress*, ou o mero progresso imanente e positivista da ciência em favor das mais variadas “sociolatrias” e “ideolatrias” vigentes, declarando em vez disso, e de maneira inequívoca, que Cristo, Senhor e Cordeiro Imolado, é o centro de sua vida e a fonte do amor que move a seu sacerdócio, sua pastoral e missão, conseguindo assim, verdadeiramente amar a Cristo por Ele mesmo e não por amor a si mesmo, e aos outros também pelo amor ao mesmo Cristo e Senhor!

Também será na visita livre e constante aos pés de Jesus Eucarístico que cada seminarista poderá consolidar o exercício da profunda ação de graças a Deus por tantos favores recebidos: pela criação do mundo e pela dignidade dada ao homem, pela Encarnação redentora do Verbo Divino, pela fundação da Igreja, pela instituição da Santa Eucaristia e do sacerdócio, e por tudo aquilo que por meio dela e deles o Senhor tem operado ao longo de mais de dois mil anos de história do cristianismo.

É aos pés da Eucaristia, que o seminarista irá aprender que os frutos do seu estudo e a riqueza de seu conhecimento se transformam em ação de graças e riqueza

espiritual para ele e para toda a Igreja, rendendo outra vez a Deus o que é de Deus enquanto o reconhece para si como o princípio e o fim de sua própria vida e da formação que está recebendo.

Não se improvisa esse amor sacerdotal, ele precisa ser nutrido e cuidado diariamente pelo próprio sacerdote e por cada seminarista que se prepara ao sacerdócio através de concretos e repetidos atos de adoração, assim como a piedade vigorosa pela Santa Missa.

Estamos falando aqui daquilo que é um grande crescimento qualitativo na vida espiritual de cada seminarista, por isso, o parâmetro de avaliação deste crescimento não se resume ao eficaz controle de quem está ou não está na capela. Na verdade, esse conhecimento será fruto também de uma convivência entre formadores e seminaristas, frequente e rica em espiritualidade; passa pelo testemunho pessoal dos formadores na hora de rezar e viver a própria oração pessoal; e por fim, passa ainda por uma ótima relação entre os diretores espirituais e os formadores para uma boa condução da vida comum no Seminário.

## **2. A confissão e a força deste sacramento na formação dos sacerdotes**

Um dos tesouros da vida no Seminário, sobretudo na experiência daqueles que estão iniciando a *etapa propedêutica* e no começo da *etapa do discipulado*, é a proximidade mais intensa aos sacramentos.

O outro sacramento que acompanha o cotidiano de um Seminário é a confissão. Como bem sabemos, ao receber este sacramento vem restaurada ou aumentada a graça batismal. Muitos dos jovens que chegam no Seminário ainda não consolidaram uma verdadeira batalha interior para defender arduamente a graça recebida no batismo, entretanto, estão em caminho de preparação para receber o sacramento da Ordem que é ainda mais exigente do que aquele.

Viver na graça de Deus exige por parte do fiel batizado: ser capaz de conhecer a si mesmo, perceber suas inclinações pessoais ou de caráter, seus instintos e quais sentimentos ou emoções são mais difíceis de ordenar segundo a razão e de submeter a régia inspiração de Deus, ter clareza sobre quais são as virtudes mais árduas para serem conquistadas, quais vícios se tornaram tão “amáveis e companheiros” a ponto de gozarem de uma privilegiada complacência de sua parte, etc.

Em meio a tudo isso, ainda existe a progressiva descoberta da própria impotência e da necessidade da graça de Deus. Digo isso, porque quase sempre o jovem seminarista começa a desejar uma vida virtuosa e devota porque não quer ser uma pessoa perversa, nem ímpia diante de Deus, mas, em meio a sua boa vontade e bons propósitos, procura avançar na vida espiritual por meio do ímpeto de sua força pessoal, pelos impulsos de seu coração e com o ardor de sua juventude física para construir tais mudanças: ele faz propósitos elevados, renúncias físicas, sacrifícios pessoais, etc., muito focado na superação de seus vícios ou má posturas, porém, com

o tempo, provando o cansaço, derrotas e sua falência pessoal, se não houver o apoio adequado, pode terminar por desmotivar-se ou por aceitar uma via de meio, ou seja, uma suposta virtuosidade até certo nível, “sem muito radicalismo porque senão faz mal”, até acabando perversamente por escolher o mal menor.

Falta para este jovem seminarista descobrir que as mudanças mais fortes na vida de um homem nascem quando, dentro dele, acontece o despertar de um amor de tal forma apaixonado e habitual pelo Senhor Jesus que não reste em sua vida outro desejo senão aquele de vê-Lo amado e honrado por ele e por todos.

Quase sempre esta descoberta advém pelas mãos amorosas de um bom confessor, que saiba acompanhar o crescimento humano do outro, e, compreendendo as suas derrotas, recolocá-lo diante de Deus, e, aquilo que é mais importante: que saiba ajudá-lo a tomar nas mãos a sua impotência de amar a Jesus como Ele merece ser amado quando se fale somente de suas próprias forças, e ajudá-lo progressivamente a submeter-se à graça e aos dons do Espírito Santo sem perder de vista a magnitude amorosa do perdão de Deus, oferecido na confissão.

Por isso, a confissão não se reduz a ser aquela hora onde “se zera o cronômetro dos pecados” para continuar sendo o mesmo de antes. Nem tão pouco é o momento onde se apenas conquista o silêncio de Deus em relação a uma punição contra nós, porque cumprimos o combinado de estar arrependidos para não sofremos por sua ira.

A confissão se torna também o lugar da intimidade, onde o nosso coração se debruça com todas as dores de sua fragilidade e traições diante do Coração Misericordioso de Jesus para falar dos nossos pecados que se amontoam sobre aquela chama forte de um amor que pede mais espaço dentro de nós sob o firme propósito de não querer mais ofendê-lo.

Jesus mesmo, falando a Santa Margarida Maria Alacoque nos prometeu que não deixaria de conceder as almas que lhe suplicassem pelo perdão, as graças necessárias para uma verdadeira contrição e para alcançar as virtudes necessárias que lhe permitam ser mais fiéis em seu amor no estado que vida ao qual pertençam. Porém, o que acontece é que nem sempre aquele que se confessa está tão decidido a amar a Jesus assim, ou seja, até o extremo de suas forças ao ponto de suportar as ofensas e dores da vida sem pecar para não ferir ainda mais a Jesus crucificado em ato de fidelidade ao amor por Ele.

Os confessores e os diretores espirituais são aqueles homens que ajudam cada jovem seminarista a crescerem progressivamente neste desejo de amar ao ponto de declararem, não apenas externamente, mas com uma voz que venha do fundo da alma, o desejo de ser sacrifício de suave odor a Deus (cf. 2 Cor 2, 14-16).

É muito importante que os formadores tenham zelo por disponibilizarem a presença de sacerdotes, além daqueles que se ocupam com a direção espiritual, que estejam regularmente a disposição para atender os seminaristas em confissão. Não se pode descuidar em promover e estimular a recepção deste sacramento entre os seminaristas, porque aquela habilidade em conhecer a alma humana com suas tensões e fadigas, assim como a arte em auxiliar o outro em seu discernimento pessoal para favorecer a comunhão com Deus, tão necessárias ao sacerdote quando escuta

confissões, vem, em primeiro lugar, como dom/fruto da graça de Deus atuante em sua própria vida como penitente desde o tempo de seminário.

---

**Bibliografia temática sugerida para  
ampliar a leitura espiritual e formativa:**

- **Santo Afonso Maria de Ligório**, *A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo*.
- **São Leonardo de Porto Maurício**, *O Tesouro escondido da Santa Missa*.
- **São Pedro Julião Eymard**, *Obras Eucarísticas*.
  
- **Conc. Trento**, Sessões VI, VII, XIII, XIV, XXII
- **Pio X**, Exort. ap. *Haerent animo*, 1908.
- **Pio XI**, Carta encíclica *Ad catholici sacerdotii*, 1935.
- **Pio XII**, Carta encíclica *Mediator Dei*, 1947.
- **Paulo VI**, Carta enc. *Mysterium fidei*, 1965.
- **João Paulo II**, Carta enc. *Ecclesia de Eucharistia*, 2003.
- **João Paulo II**, Exortação Apostólica *Reconciliatio et Paenitentia*, 1984.
- **Bento XVI**, *Sacramentum caritatis*, 2007.
- **Congregazione per la Dottrina della Fede**, Carta *Sacerdotium ministeriale*, 1983
- **Congregazione per il Clero**, *Il sacerdote ministro della misericordia divina – sussidio per confessori e direttori spirituali*.
  
- *Ofício da festa do Corpo de Deus*.
  
- **Dom Columba Marmión**, *Jesus, la vida del alma*.
- **R. Garrigou – Lagrange**, *La union del sacerdote com Cristo sacerdote e victima*.
- **Royo Marin**, *Teologia da Perfeição Cristã*.

[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cclergy/documents/rc\\_con\\_cclergy\\_doc\\_20030613\\_priest-eucharist\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20030613_priest-eucharist_po.html)